

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA**

LEONARDO SANTOS DE MELO

**Escrevivência escritaCOM dialiversos: encontros entre psicologia e a doença renal
crônica.**

**Maceió-AL
2022**

LEONARDO SANTOS DE MELO

Escrevivência escritaCOM dialiversos: encontros entre psicologia e a doença renal crônica.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Psicologia.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Marília Silveira.

**Maceió-AL
2022**

**Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

M528e Melo, Leonardo Santos de.
Escredialvivência escritaCOM dialiversos : encontros entre psicologia e a
doença renal crônica / Leonardo Santos de Melo. – 2022.
40 f.

Orientadora: Marília Silveira.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Psicologia) – Universidade
Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 37-40.

1. PesquisarCOM. 2. Escrevivência. 3. Psicologia. 4. Insuficiência renal
crônica. I. Título.

CDU: 159.9:616.61

Dedico este trabalho para todos/as aqueles/as que fizeram e fazem parte da minha história com a hemodiálise.

Aos meus irmãos e irmãs da hemodiálise que semanalmente estão COMigo no tratamento vivendo nossas dialivivêncis.

Aos nossos cuidadores profissionais de saúde: médicos/as, enfermeiros/as, técnicos/as de enfermagem, técnicos das máquinas de diálise, profissionais da equipe de limpeza, psicólogos/as, nutricionistas e assistentes sociais que com tanto amor e carinho cuidaram e cuidam de mim e da vida de outros/as pacientes.

À minha mãe Helenilda por ser minha maior inspiração de professora, por me ensinar que a educação como disse Mandela “é uma arma poderosa que pode mudar o mundo”.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por em sua infinita bondade, graça e misericórdia me conceder o desejo e a sabedoria para realizar esse sonho.

À minha mãe Helenilda, por ser minha maior incentivadora nessa formação, por não medir forças e se deslocar COMigo da nossa terra natal para a capital.

Aos meus irmãos Júnior e Edlayne, por sempre dizerem que eu nunca parasse de lutar.

À minha namorada Maria Fernanda, por se alegrar comigo em cada conquista e processo dessa formação.

Aos profissionais de saúde do Instituto de Nefrologia Ribamar Vaz da Santa Casa de Misericórdia de Maceió: médicos/as, enfermeiros/as, técnicos/as de enfermagem, técnicos das máquinas de diálise, profissionais da equipe de limpeza, psicólogos/as, nutricionistas e assistentes sociais que com tanto amor e carinho cuidaram e cuidam de mim e da vida de outros/as pacientes.

Às minhas amigas-irmãs que ganhei da UFAL e seguiram COMigo entre surtos e alegrias acadêmicas: Pérola, Jeanine, Jenny, Jani e Anna.

À todos/as professores/as do Instituto de Psicologia da UFAL que contribuíram com seu rico conhecimento na minha formação.

À minha querida professora-companheira-de-escrita-orientadora desse trabalho: Marília Silveira, por me embarcar desde o início da graduação nas produções de conhecimento sobre saúde mental de pessoas com deficiência, na luta por uma psicologia anticapacitista, além de se embarcar comigo na construção desse trabalho.

À querida professora Marcia Moraes, por aceitar o convite de avaliar esse trabalho que foi tecido em sua aposta metodológica do PesquisarCOM.

À querida professora Alexandra Tsallis, por me acolher no Laboratório afeTAR e me fazer descobrir meu dialiverso.

Ao querido professor Jefferson, orientador da iniciação científica e estágio.

À toda equipe profissional da Clínica Renal Center Maceió, por me acolherem com tanto carinho no meu primeiro contato como psicólogo em formação.

À minha querida supervisora de estágio psicóloga Maria Lúcia, por me ensinar uma escuta psicológica atenta, humanizada e comprometida com a saúde mental de cada paciente.

Por fim, aos meus pacientes que se abriram COMigo para falarem sobre suas dores e vivências da hemodiálise buscando a cada dia serem resilientes em meios aos processos da vida e de suas dialivivências.

“Uma visão única produz ilusões piores do que uma visão dupla ou do que a visão de um monstro de múltiplas cabeças” (WARAWAY, 2009, p.46).

RESUMO

Este trabalho é um convite para se embarcar em versos, rimas e cordéis que COMPõem meus (des)encontros e interpelações na formação em Psicologia. A cada capítulo o/a leitor/a é embarcado a se embarcar comigo através do PesquisarCOM, da Escrevivência e das Retirâncias em uma composição metodológica que articula a insistente conexão entre vida e pesquisa. Em cordéis, escrevo as minhas histórias e vivências como pessoa com deficiência (PcD), com doença renal crônica em diálise, negro e psicólogo em formação no processo de se descobrir enquanto sujeito epistemológico e produtor de conhecimento científico. Pela literatura de cordel, o/a leitor/a é levado/a em cada paragem as questões que vão complexificando na vivência de ser PcD na Universidade. Eu, um corpo que foi por muito tempo pesquisado, conceituado como ineficiente e colocado como objeto de pesquisa, me recoloco como sujeito epistemológico a dialisar, a pensar e criar uma epistemologia psi. Entre rimas e versos, o trabalho convida a psicologia a engajar-se na luta anticapacitista, propondo mais metodologias que apostem no pesquisar COM as pessoas e não SOBRE elas, especialmente no campo da Doença Renal Crônica.

Palavras-chave: PesquisarCOM; escrevivência; psicologia, Doença Renal Crônica

ABSTRACT

This work is an invitation to embark on verses, rhymes and strings that do my (mis)encounters and interpellations in Psychology training. In each chapter, the reader is invited to embark with me through ReserarchWITH, the poetics of Conceição Evaristo - Escrivência and a northeastern epistemology - retirâncias in a methodological composition that articulates the insistent connection between life and research. Through chap-books I write my stories and experiences as a person with disabilities (PwD), with chronic kidney disease on dialysis, black and psychologist student in the process of discovering himself as an epistemological subject and producer of scientific knowledge. Through cordel literature, the reader is taken at each stop to the issues that become more complex in the experience of being a PwD at the University. I, a body that has been researched for a long time, conceptualized as inefficient and placed as an object of research, I make a reposition to myself as an epistemological subject to dialyze, to think and create a psi epistemology. Between rhymes and verses, the work invites psychology to engage in the anti-ableism struggle, proposing more methodologies that focus on researching WITH people and not ABOUT them, especially in the field of Chronic Kidney Disease.

Key words: ReserarchWITH, Escrivência, psychology, Chronic Kidney Disease.

SUMÁRIO

1. COMO SURGE ESSA ESCRITA?	10
2. INTERPELAÇÕES INICIAIS: O ENCONTRO COMO SUJEITO EPISTEMOLÓGICO.....	11
3. AS EMBARCAÇÕES QUE FUI EMBARCADO: COM-POR, PESQUISARCOM, ESCREVIVÊNCIAS, AFETAR E RETIRÂNCIAS - CAMINHOS PARA MINHAS APOSTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	16
4. O QUE SURTIU DAS EMBARCAÇÕES? DIALIVIVÊNCIAS E DIALIVERSOS - APOSTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA PENSAR QUAIS EPISTEMOLOGIAS PSI ESTAMOS FAZENDO.	25
5. QUEBRAS ÀS NOSSAS EPISTEMOLOGIAS DO CAMPO PSI: O QUE O DIALISAR NOS ENSINA SOBRE ISSO?.....	26
6. A PSICOLOGIA QUE EU PENSAVA: SAÚDE MENTAL PARA QUEM?	29
7. QUESTÕES PARA SE DEIXAR, VERSAR, RIMAR, DIALISAR E ALEIJAR	34
REFERÊNCIAS	37

1. Como surge essa escrita?

Querido/a leitor/a, antes de tudo, essa escrita surge daquilo que me passa, me atravessa e me toca. Surge das histórias de um outro lado da história, o lado que não somos colocados a pensar no corpo-corpo que escreve, pesquisa e produz ciência. Surge das minhas vivências de preconceitos em um espaço que fui levado a sonhar enquanto plural e inclusivo: a universidade.

Essa escrita surge de encontros, de caminhos não lineares na pesquisa, de atravessamentos e embarcações que me levaram a se encontrar com epistemologias desobedientes, monstruosas, em direção ao feio, aleijadas e, sobretudo, feita com corpos não normativos. Corpos que por muitos anos nas ciências foram colocados como objetos de pesquisa, conceituados como anormais, em falta, deficientes, sem eficiência.

Por isso, essa escrita é um convite para aleijar, vivenciar, rimar, versar e dialisar nossas epistemologias psis, nossas pesquisas e as realidades de mundos que estamos produzindo através do nosso conhecimento científico. É um convite para do só no caminho acadêmico, fazer nós para povoar o mundo e contar nossas histórias.

Aqui caro leitor/a não se assuste se no meio do caminho desses parágrafos e citações acadêmicas, você encontrar verbos com outros sentidos, além de versos, rimas e cordéis. O dialiverso que COMpõe esse trabalho será explicado mais adiante no texto. Pensando em trazer acessibilidade para as pessoas com deficiência visual, os versos e tudo aquilo que rima, além de estarem na fonte de cordel que se chama xilosa, estará também em itálico para que o leitor de tela possa marcar essa diferença no texto. Também preciso lhe dizer que a maior parte da escrita deste trabalho foi de um lugar cotidiano em que passo quatro horas, três vezes por semana: a diálise.

***Na diálise caro/a leitor/a
Outros movimentos pude fazer,
Enquanto meu sangue era filtrado
Esse trabalho vinha escrever,
Lendo epistemologias psi
Para propor minha aposta na ciência tecer.***

Este trabalho é composto por cinco parágrafos, em cada uma delas vou contando como fui sendo embarcado por discussões políticas, teóricas e epistemológicas e como fui me reconhecendo sujeito ativo desse processo. Em “Interpelações iniciais: o encontro como sujeito epistemológico” trago meus primeiros movimentos se re(conhecendo) enquanto sujeito epistemológico no lugar de pessoa com deficiência. Dali sigo para “As embarcações que fui embarcado: com-POR, pesquisarCOM, escrevivências, afeTAR e retirâncias - caminhos para minhas apostas teórico-metodológicas”, para descrever os encontros com apostas teórico-metodológicas que me fizeram encontrar um outro lado da história. Na sequência, em “O que surgiu das embarcações? Dialivivências e dialiversos - apostas teórico-metodológicas para pensar quais epistemologias psis estamos fazendo”, escrevo minha proposta teórico-metodológica situada nessas outras apostas que fui embarcado, a de um fazer com as pessoas com deficiência, narrando suas histórias. Na paragem “Quebras às nossas epistemologias psis: o que o dialisar nos ensina sobre isso?” proponho refletir algumas considerações que o dialisar da hemodiálise tem a ensinar sobre o fazer psi e nossas produções científicas. Então me movimento em direção à “psicologia que eu pensava: saúde mental para quem?”, narro minha escolha de cursar psicologia e a psicologia que encontrei na universidade. Por último, deixo em “Questões para se deixar, versar, rimar, dialisar e aleijar”, minhas inquietações futuras para pensar nossos caminhos de pesquisa dentro da universidade.

Nesse fim de um início, quero dizer: embora esses movimentos descritos anteriormente possam parecer lineares, eles foram tecidos por des(encontros) no intuito de responder aquilo que disse nesse início: as questões que me passaram, atravessaram e tocaram. Neste trabalho, portanto, amparado por Conceição Evaristo (2015) ficciono uma escrevivência. Não é, portanto invenção, mas composição entre escrita, vida e produção científica no campo da Psicologia. O objetivo do texto foi percorrer a minha história e formação em psicologia para constituir uma metodologia e um modo de escrita que contemplasse a minha singularidade e existência, como pessoa marcada pela Doença Renal Crônica (DRC).

2. Intepelações iniciais: o encontro como sujeito epistemológico

***Contar nossa história
É ferramenta de libertação,***

***Produzir conhecimento científico
Não é só para branco não,
É para mim, pessoa com deficiência
Sujeito epistemológico em construção.***

Por muito tempo na ciência as produções epistemológicas partiram de um lado da história, o lado branco, do corpo-normativo, do homem cisgênero (aquele que se identifica com o sexo que nasceu) europeu, coloniza(dor). Se tratando do seu significado na língua portuguesa, parece que quando pensaram nessa palavra “colonizador”, (alguém que coloniza e explora) estavam apontando o marco histórico que ela teria, não quero me estender ao seu significado - minha competência é pouca para isso! - mas essa dor em parênteses é para lembrar das violências étnico-raciais, sexuais, corporais e psicológicas que a colonização trouxe aos povos originários. Nesse período, quando se pensava em sujeito epistemológico, não se questionava a imagem de quem estava produzindo conhecimento científico, pois sabia-se que era de um corpo branco e sem deficiência.

O processo de reparação histórica desse apagamento talvez nunca termine, no entanto, agora em 2022, com bastante atraso podemos dizer: não mais em nosso nome! O conhecimento que produzo neste trabalho está marcado no tempo, na história, na forma de escrever pela diferença entre primeiro autor e por todos os encontros possíveis a partir dessas diferenças. Optei seguir pelas desobediências epistêmicas (OLIVEIRA, BLEINROTH e DA SILVA, 2021) às quais convocam as epistemologias feministas brancas, negras e do campo da deficiência. É por esse caminho que seguirei contando minha história, do lugar de um homem negro, nordestino, cordelista, pessoa com deficiência (pessoa com insuficiência renal crônica em tratamento de hemodiálise), estudante de psicologia, história essa como aponta Mia Mingus (2011) que é uma ferramenta que produz libertação.

Minha construção como sujeito epistemológico se dá entre os nós que o caminhar da vida acadêmica nos proporciona e nos embarca. Aqui o verbo embarcar tem um outro sentido, um outro movimento. Tsallis, Francisco e Freitas (2020, p. 217) trazem o conceito de embarcar na experiência da sala de aula, do encontro do grupo, no sentido daqueles que já estavam embarcados (por dentro do assunto), contar para aqueles que chegavam atrasados o que já tinha sido falado/discutido, para que eles não ficassem de fora dos caminhos já embarcados. Assim, posso dizer que durante meus primeiros períodos da graduação estive

atrasado das discussões sobre deficiência que já vinham sendo escritas COM, pesquisadas COM e COMpostas por pessoas com e sem deficiência.

Trago nessa escrita meus incômodos, conflitos e cenas de retratos capacitistas vivenciados por este corpo negro, pessoa com deficiência cotista e estudante de um curso que defende a subjetividade e existência de todos os corpos: a psicologia. Minhas inquietações e conflitos com essa psicologia, histórica e predominantemente marcada pela produção de corpos de pessoas sem deficiência, surgem no primeiro período da graduação em 2018, em uma disciplina voltada à pesquisa em psicologia, declaro a um professor do corpo docente do Instituto o interesse em pesquisar e produzir conhecimento na temática da saúde mental de pessoas com doença renal crônica no tratamento de hemodiálise, tema esse que atravessa a minha vivência a mais de dezesseis anos. “Essa não é minha área de pesquisa”, foi o primeiro comentário capacitista que ouvi de um corpo sem deficiência, pesquisador e produtor de conhecimento científico. Aqui se repetia o que Costa e Carvalho (2020, p. 28) apontam em seu trabalho, que a “produção de conhecimento passou por uma assepsia – pela eliminação da vida, dos sinais da vida, dos vestígios do que possa ser vida”. Em concordância, Silva (2022) afirma como a ciência passou a reproduzir conceitos irrevogáveis e certezas universais em sua visão limitada, com base em um saber neutro que produz a neutralização subjetiva do Ser.

No ano de 2020, durante o período pandêmico Professora Marília Silveira foi interpelada por mim em sua disciplina de Processos Grupais 1 a pensar os movimentos e discussões inexistentes sobre a saúde mental de pessoas com deficiência, tanto na ementa de sua matéria, quanto no Projeto Político-Pedagógico do Curso de Psicologia (PPC). Nesse interpelar, ela me conecta (a mim e a turma toda) a um vídeo com uma palestra sobre Deficiência Visual e Capacitismo¹, de uma mulher, pessoa com deficiência visual, psicóloga, professora e pesquisadora, Camila Araújo Alves, sou inteiramente convocado a pensar o meu lugar enquanto um corpo desobediente e racializado dentro da universidade.

Como pessoa com deficiência

Não sentia me pertencer,

Mesmo com 16 anos

Neste lugar estando a viver,

Usufruido dos direitos assegurados

Não se identificava com essa parte do meu ser.

¹ Deficiência Visual e Capacitismo com Camila Araújo Alves. Disponível em: <<https://youtu.be/9xCsekzo39U>>.

Para mim, pessoa com deficiência, negro e estudante de psicologia, Camila enquanto psicóloga, professora, pesquisadora, também pessoa com deficiência, não apenas traz em sua palestra a historicidade do capacitismo no âmbito biomédico e na sociedade, ela me embarca no convite de me tornar sujeito epistemológico através de um fazerCOM e do pesquisarCOM que serei posteriormente embarcado por Marília.

O PesquisarCOM se trata de uma aposta metodológica nascida no campo dos estudos da deficiência visual em que Marcia Moraes (2010) propõe pensar pesquisas em psicologia no campo da deficiência através de uma prática performativa, na qual o fazer da pesquisa é feito com o outro e não sobre o outro. Assim o “PesquisarCOM”, expressão cunhada pela autora, tem mais sentido de um verbo do que um substantivo, verbo esse que indica que o caminho para saber o processo de cegar, se faz necessário acompanhá-lo no cotidiano, com as pessoas que vivenciam esse percurso em seu dia a dia (MORAES, 2010). Em sua discussão, a autora percorre as linhas da história do conceito da deficiência através do documento *International Classification of Impairments, Disabilities, and Handicaps (ICIDH)*² que define a deficiência pelo modelo biomédico enquanto uma *impairments* - perda, falta ou uma anormalidade corporal (DINIZ, MEDEIROS e SQUINCA, 2007) questionando também as realidades que foram produzidas com pesquisas pautadas nesse conceito. Essa noção de deficiência como falta segue presente nos dias atuais, minha proposta neste trabalho consiste também em contestar essa ideia, aliado a essas autoras.

Em sua palestra Camila retoma essas reflexões e problematiza não apenas o conceito capacitista que marca a deficiência enquanto uma falta, ou uma anormalidade, mas o que ainda é legitimado em nossas relações sociais, nos currículos escolares e principalmente no lugar que se produz conhecimento científico: a universidade. Quando ingressei na universidade para o curso de psicologia, imaginei esse espaço enquanto um lugar plural de possibilidades de mundos e sonhos possíveis, porém, quase na metade do curso me encontrava interpelando docentes quanto à falta de discussões sobre a saúde mental de pessoas com deficiência.

Na universidade, enquanto um espaço plural todos/as estudantes chegam no intuito de tornar possível seu sonho do diploma de nível superior, (palavra essa que legitima um lugar de poder/saber na sociedade), haveria, então, seres/ensinos inferiores? Se a universidade é um lugar de sonhos possíveis para todos/as, porque nossas pesquisas demonstram o contrário?

² World Health Organization. International classification of impairments, disabilities, and handicaps. Geneva: World Health Organization; 1980.

Reis e Melo (2020) destacam que “os dados do Censo 2015 (INEP, 2018) apontam que os alunos com deficiência representam 0,4% das matrículas da Educação Superior”. Só é possível uma universidade enquanto lugar de sonhos possíveis, se ela também for um espaço de sonhos acessíveis, de uma ciência feita COM pesquisadores/as com deficiência a exemplo Mia Mingus (2011), Marco Antonio Gavério (2015) e Camila Alves (2021), para produzirmos universidades acessíveis, educação acessível e consequentemente uma sociedade inclusiva.

Os dados que Reis e Melo (2020) trazem em seu trabalho, apontam para um capacitismo acadêmico que não só exclui corpos de pessoas com deficiência, mas que também mantém privilégios sociais de epistemologias de corpos brancos e sem deficiência (RIBEIRO, 2019). Por isso, pensar em pesquisar a partir de um fazer com o outro, exige um movimento que o pesquisar COM possibilita na pesquisa, de construir os laços e as parcerias durante o pesquisar/caminhar.

A partir do pesquisar COM somos convocados/as a fazer ciência e pesquisas situadas, COM as pessoas e não SOBRE elas, assim caminhamos para o lado desobediente da história, desse lugar propomos aleijar e enegrecer epistemologias para tornar os sonhos e mundos acessíveis, caminhando em direção ao feio (MINGUS, 2011; MARTINS, 2009; GAVÉRIO, 2015; OLIVEIRA, BLEINROTH e DA SILVA, 2021).

Caminhar em direção ao feio
Por Mia Mingus tem outros significados,
Significa pensar em corpos e comunidades
Aleijados, feios e estigmatizados,
Que pela visão de beleza e magnificência
Foram pela sociedade indesejados.

Ao interpelar professora Marília, ela me embarca nos estudos da deficiência produzidos por pesquisadores/as com e sem deficiência para me inserir nessa construção de sujeito epistemológico e através da minha escredialvivência (EVARISTO, 2005) e do dialiverso (termos que explicarei posteriormente) enquanto apostas e propostas teórico-metodológicas a fazer rupturas, tecer versos e pensar uma psicologia, uma universidade e uma sociedade de mundos acessíveis.

É no pesquisar COM

*Que vou encontrar,
Uma epistemologia acessível
Para pesquisar e atuar,
Com minha escredialvivência
Pelo dialiverso, as epistemologias psi dialisar.*

3. As embarcações que fui embarcado: com-POR, pesquisarCOM, escrevivências, afeTAR e retirâncias - caminhos para minhas apostas teórico-metodológicas

Quando pensamos em produzir conhecimento científico desse outro lado da história, situado em uma epistemologia nordestina a que Monique Brito (2021) em sua tese de doutorado nos embarca: é a problemática que existiu do outro lado da história (o branco-sul) das epistemologias do sul que legitimaram uma forma de saber dominante, então pensar essa epistemologia nordestina nomeando-a pela territorialidade de onde estamos produzindo conhecimento científico é uma forma de romper com essas barreiras geopolíticas de produção de saber. Assim, na epistemologia nordestina, Monique Brito retira o estigma do retirante da história da invenção do Nordeste e pensa a retirância a partir do devir-retirante, aquele que produz deslocamentos, atravessando e ultrapassando fronteiras pelo desejo de encontrar mundos. Nessa retirância me desloco para produzirCOM essa epistemologia nordestina meus cordéis que também COMpõe as raízes do povo nordestino.

Conversando com esse outro lado da história, das retirâncias, nos deparamos como um ser pesquisador/a desobediente e monstruosa/o, o qual Erika Oliveira, Yasmin Maciane da Silva e Maria Laura Bleinroth (2021) nos ofertam de produzir pesquisas que se desviam do conceito normativo, de verdades únicas e universais, que se prendem fixamente aos padrões de normalidade, elas nos convocam e com elas nos aliamos a uma desobediência epistêmica: produzir conhecimento a partir do nordeste, no embalo da retirância, dos versos de cordel, das minhas próprias experiências, enquanto homem negro, pessoa com deficiência.

Aliadas nesse caminho de uma pesquisa desobediente e monstruosa, Moraes e Tsallis (2016) nos embarcam a pensar como a aposta teórico-metodológica do pesquisarCOM nos possibilita não apenas narrar histórias como uma forma de escrever a pesquisa, mas também compreender e sermos afetados/as a perceber que a deficiência não se configura como uma falta ou déficit do conceito capacitista da biomedicina. E ainda que várias e diversas são as vidas possíveis das pessoas com deficiência. O que Moraes e Tsallis (2016) nos situam pelo

método do pesquisarCOM tece laços a crítica de Donna Haraway (1995) a escrita acadêmica marcada pelo “olhar de deus”, isto é, um olhar que está acima do outro, afastado dele, deslocado dele. Esse “olhar de deus” como nos aponta Conti (2015) nos coloca em risco de produzirmos uma única história. E como nos alertou Chimamanda Adichie (2009) o perigo de uma única história é que ela cria estereótipos, e não é que os estereótipos sejam mentira, mas eles são incompletos. Então nos cabe perguntar: o olhar de Deus marca qual lado da história? O do cientificismo hegemônico da branquitude de pessoas sem deficiência de um pesquisar sobre o outro. Minha aposta, ao contrário, é um encontro com a diversidade dos corpos de pesquisadores/as monstruosos/as, negros/as e pessoas com deficiência de um pesquisarCOM onde a pesquisar é feita COM as pessoas, o lugar em que eu me torno sujeito epistemológico e produzo conhecimento a partir da minha experiência.

Essa inquietação que me atravessa, se esperança, do verbo esperar, na ciência feitaCOM do pesquisarCOM que me embarca Moraes (2010), porque ao fazer pesquisas COMoutros/as e narrar essas histórias para se construir a escrita desses trabalhos, a escrita do “olhar de deus” é aleijada, aleijada não no sentido de falta, mas que circula e assusta nossas ditas normalidades (GAVÉRIO, 2015). Na apostaCOM, não existe um olhar afastado e deslocado do que o cientificismo denomina de “objeto da pesquisa”. PesquisarCOM nos embarca a sermos todos/as sujeitos dentro da pesquisa, a construir narrativas e pesquisas com as pessoas, não sobre elas e nos convoca a nos afetar nos transformar no encontro com elas. Desse outro lado da história, Moraes e Tsallis (2016) ao afirmarem possuir não apenas uma única gramática para a escrita acadêmica, mas várias gramáticas, termos como o pesquisarCOM, escredialvivência e dialiverso trazem rupturas nessa escrita do “olhar de deus” que incomodam modelos hegemônicos de uma única história da ciência.

Entre essas várias gramáticas possíveis para escrever a pesquisa, encontro Conceição Evaristo (2005) professora doutora em literatura, mulher negra, demarca seu lugar e afetação na minha produção de saber porque situa esse outro lado da história, da produção de conhecimento feitoPOR um corpo descolonizado, negro e resistente de uma mulher. A autora descreve a escrevivência como uma forma narrativa de escrita a partir da “vivência de si e dos seus” (EVARISTO, 2017, p.12). Desse outro lado da história, as escrevivências são contadas através de narrativas de mulheres negras escravizadas que na época tinham seu corpo-voz tomados pelos escravocratas como objetos de dominação (EVARISTO, 2020). Essa forma de violência sexual, física e psicológica implicou silenciamentos, apagamentos de histórias. Meu encontro com as escrevivências vem nos embarques textuais e literários que Marília me

apresenta de autores/as que apostam em epistemologias possíveis e desobedientes. Autores/as que buscam apresentar uma psicologia e um fazer científico COM-posto³ por pessoas com deficiência e também pessoas negras. São nessas leituras sobre a escrevivência que penso na proposta teórico-metodológica da *escre* que se refere a escrita, *diali* situando a diálise e *vivência* a minha vivência da diálise e de outros/as pessoas que COM-partilham dessas mesmas formas de viver e existir que a minha.

***Marília em sua escuta
Me acolheu para seguir em frente,
Na luta contra o capacitismo
Que na universidade exclui o corpo diferente.***

***O encontro com a escrevivência
Me ajudou a compreender,
Que é possível escrever sobre as processos
Tornando-os ciência e saber.***

***Escrevivência é outra ciência
São pedaços de processos,
Escritos entre dores
Para resistir aos retrocessos.***

***Enquanto eu viver
Quero na minha dialivivência,
Borrar o capacitismo
Que segrega a deficiência.***

***No mundo hei de ver
O capacitismo ser borrado,
Pelas escrevivências de outros corpos
Que tentaram ser apagados.***

***Conceição Evaristo escreveu
Sobre vozes que foram silenciadas,
A escrevivência é minha esperança
De outras histórias serem contadas.***

³ O COM-POR pessoas negras é um projeto de estágio e extensão da UERJ supervisionado pela Dra. Alexandra Tsallis e coordenado pela Me. Loíse Lorena do Nascimento Santos, a discussão sobre esse trabalho e a história dele se encontra da dissertação de Loíse (Santos, 2022).

***É pela minha dialivência
Que quero narrar minha história,
Contando ao mundo
O que carrego na memória.***

A doença renal crônica (DRC), segundo o último Censo Brasileiro de Diálise em 2018 feito pela Sociedade Brasileira de Nefrologia (SBN), tem o total de 133.464 brasileiros em diálise. O estado de Alagoas onde resido, de acordo com Neves (et. al, 2020), foi um dos estados com maior número de renais crônicos com 865 pacientes, ficando atrás do Distrito Federal com 931 pacientes e Rondônia com 874 pacientes. No ano de 2006, eu me tornava um desses tantos mil renais crônicos no Brasil.

A hemodiálise é descrita como um tratamento realizado através de uma máquina que realiza o processo do funcionamento dos rins de filtrar e limpar o sangue, assim, a máquina realiza a função renal que órgão da pessoa em adoecimento não consegue fazer. A máquina filtra e retira do organismo as substâncias residuais que comprometem a saúde do adoecido, como o alto nível de sódio e excesso de líquido no corpo. Além disso, o tratamento dialítico ajuda no controle da pressão arterial e contenção dos níveis de sódio, potássio, ureia e creatinina (BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE, 2019).

Essa descrição são os termos de referencias científicos, quando iniciei o tratamento aprendi durante as explicações das médicas nas visitas de seus residentes no setor de nefrologia os trechos que trago em itálico: “A hemodiálise é um forma de tratamento paliativo⁴, que consegue realizar a filtragem dos resíduos indesejáveis no sangue, por meio de uma máquina, isto é, o tratamento de hemodiálise funciona como um rim artificial no paciente, para suprir a função que seus rins não fazem. O tratamento é realizado através de duas formas, uma é o acesso por via de um cateter central, e a outra, através da fístula arteriovenosa, onde é feita uma ligação com a artéria e uma veia no braço do paciente, que por via de duas punções arteriovenosas é realizado o tratamento”.

Quando a pessoa é acometida pela DRC, e esse verbo caí bem aqui, porque o seu significado fala sobre ser (atacado, ameaçado, abalado, afetado, o termo é tão marcante quanto o impacto do adoecimento), “a primeira forma de iniciar o tratamento, é por via do

⁴ Interpelei uma das minhas médicas da Nefrologia para me explicar o sentido da hemodiálise como um tratamento paliativo, ela me respondeu o seguinte: “Léo, paliativo se refere na literatura científica pelo fato de quando o paciente se torna um renal crônico, não existe uma cura, nem um método curativo, então as formas terapêuticas paliativas que dão continuidade de vida, é a diálise e o transplante renal”. Castro (2018) aponta isso em seu artigo “Tratamento conservador de paciente com doença renal crônica que renuncia à diálise”.

cateter, pois assim que inserido o acesso central, após exames de raio-X para visualizar se está em posição que não afete outros órgãos do paciente, já é possível iniciar a sessão de hemodiálise. A fístula arteriovenosa é o avanço desse acesso através do procedimento cirúrgico, que após alguns meses do seu desenvolvimento, pode ser substituída pelo acesso do cateter para que o paciente continue fazendo diálise. A sessão tem duração de 4 horas, durante três vezes na semana”.

Em 21 de agosto de 2006 a minha primeira sessão de hemodiálise me aguardava e eu nem sabia. Dias antes do diagnóstico da DRC, meu corpo vinha sendo marcado por sintomas incomuns para uma criança de oito anos, inchaço em todo corpo, pressão arterial elevada, além de uma infecção urinária. Esses sintomas foram o que após doze dias de internamento no hospital da Santa Casa de Misericórdia de Maceió, a equipe médica chegasse ao diagnóstico da minha falência renal, necessitando assim, iniciar a hemodiálise.

Como se conta a uma criança de oito anos que seus rins não funcionam? Pois bem, também não sei, não há um manual na vida para isso, tampouco uma preparação para que ela esteja pronta para as mudanças que vão ocorrer em sua vida. Então no dia 21 de agosto de 2006, lembro-me de estar na enfermaria e minha mãe que estava comigo desde o início, disse que eu precisava ir fazer uma ultrassonografia, na época, eu já sabia como era realizado esse exame, como não fazia nenhum medo, ela havia dito que eu poderia ir acompanhado pela enfermeira, sem ser necessário que ela fosse. Alguns minutos depois, quando cheguei à sala de fazer a “ultrassonografia”, a técnica de enfermagem falou sem delongas “você não vai fazer ultrassonografia, vai colocar um cateter para fazer hemodiálise”. O que você acha que eu fiz? Muitos berros e gritos de quero a minha mãe.

***Aquele dia ficou marcado
Até hoje na minha história,
O encontro com o adoecimento
Que marcou minha trajetória,
Era uma tarde de sexta-feira
Nunca esqueci essa memória.***

***Já se passava onze dias
Em que eu estava hospitalizado,
Tinha vindo de Paulo Jacinto***

*Com o xixi avermelhado,
Em Maceió na Santa Casa
No Irmã Inocência fui internado.*

*Na pediatria daquela Unidade
Conheci outras crianças,
Sobreviventes do adoecimento
Suas marcas e mudanças,
Colorir vários desenhos
Era parte da nossa esperança.*

*Afrânia foi a primeira que conheci
Tinha cabelos lisos ondulados,
Falava rindo a todo tempo
Andava para todos os lados,
Conversávamos o tempo todo
Só dormir para nos deixar calados.*

*Amanda foi outra amiga
Que amava comer,
Detestava o que a diálise
Tinha lhe impedido de fazer:
Comer tudo o que queria
Miojo vivia a esconder.*

*Cássia, uma outra amiga
Tímida que amava louvar,
Era da igreja evangélica
Hinos nos ensinava a cantar,
Essas três são amigas
Que um dia espero encontrar.*

*Na época eu era um menino
Com oito anos de idade,
Não sabia muita coisa
Brincar era minha felicidade,
Não esperava aquele encontro
Que mudaria minha realidade.*

*Eu era um menino saudável
Cabelos castanhos e fortinho,
Negro, colecionava Power Ranger
Mãe diz que eu era “marrudinho”,
A hemodiálise já fazia parte
Da minha família no caminho.*

*Esse nome hemodiálise
Minha mãe até conhecia,
Seu irmão, meu tio Zezinho
Toda semana, a diálise ele fazia,
Mainha não imaginava
Que ela seria nossa companhia.*

*Era dia vinte e um de agosto
Outra manhã de internamento,
Minha mãe apreensiva
Não esperava aquele momento,
Fui colocar o cateter
Para iniciar o tratamento.*

*Na sala para fazer o exame
A enfermeira N. fui perguntar:*

*Onde está a máquina de ultrassom?
Os instrumentos estava a estranhar
Imediatamente ela respondeu:
Vamos colocar cateter pra você dialisar.*

*Naquele instante eu não sabia
O que dizer, o que falar,
Indefeso abri a boca
Aos gritos comecei a chorar,
“Eu quero a minha mãe”
Foi o canto que passei a ecoar.*

*Ninguém havia me explicado
O que ia acontecer,
Muito menos hemodiálise
Nem que ela eu ia fazer,
A resposta da enfermeira N.
Só piorou o meu sofrer.*

*Com muito choro e muito grito
Minha mãe veio me acalmar,
A psicóloga K. e a doutora S.
O procedimento nos foi explicar,
Passo a passo do cateter
E o que era dialisar.*

*Um dos afetos importantes
Que guardo daquele dia,
Foi a doutora S. segurar minha mão
Em meio a minha agonia,
Dizendo que naquele momento*

Ela seria minha companhia.

Seu gesto de acolhimento

Nela me fez confiar,

Após colocar o cateter

Fui para a sala dialisar,

Não sabia que por muitos anos

Cotidianamente, ali iria estar.

Já são dezesseis anos

Dessas minhas dialivivências,

Das vivências da diálise

Tenho produzido ciências,

Na psicologia tenho embarcado

Em narrativas e suas vivências.

Aqui deixo a minha *escredialvivência*, também vivenciada por outros/as brasileiros/as que semanalmente têm seus corpos atravessados com a rotina de ida ao hospital, punção arteriovenosa ou cateter, mudança alimentar e impactos psicológicos pelos atravessamos da diálise. Pesquisas (SCHMIDT, 2019; HEGEMANN, MARTIN e NEME, 2018; OLIVEIRA et al., 2016) apontam que diversas pessoas com DRC sofrem de problemas psicológicos como depressão e transtornos de ansiedade em virtude do tratamento de hemodiálise, visto que, durante o processo de adoecimento, somos marcado por diversas mudanças peculiares que podem influenciar a forma como compreendemos e determinamos a nossa existência.

Depois de anos sem refletir sobre esse trauma, sobre essa marca no início do meu diagnóstico, que a priori foi sem nenhuma humanização para se contar a uma criança de 8 anos que iria fazer hemodiálise, em uma conversa com uma mestrande de Marília, Karla Karoline (psicóloga que trabalhou em uma clínica de hemodiálise com crianças e me ajudou a pensar a práticas de humanização nesse meu trabalho), coloquei que não havia um manual para se dar aquela notícia a uma criança, mas sua resposta e vivência de ter compartilhado aquela cena com outras crianças, foi bem diferente do que eu vivi: “Lá onde eu trabalhava tínhamos uma boneca que no seu corpo, os órgãos saiam, então eu explicava que aquele

órgão, o rim, não estava fazendo o seu trabalho no corpo e por isso ela/ele precisa fazer aquele procedimento para ficar bem”. Sem dúvidas, se meu encontro com a diálise tivesse sido dessa forma, aquela vivência de gritos e muitas lágrimas teriam sido bem diferentes. Ela continuou “é, não existe um manual, mas existe empatia, existem diretrizes do SUS de um cuidado humanizado para se chegar ao paciente e contar as coisas”, me contou ela.

No caminhar enquanto pessoa com deficiência, pessoa com doença renal crônica, estudante de psicologia, homem negro e cordelista pensar a **escredialvivência** enquanto aposta teórico-metodológica para aleijar a psicologia é buscar trazer o corpo-voz de outros/as pessoas com doença renal crônica a partilharem suas vivências em pesquisas feitas COM e também por pesquisadores/as COM, como escrevo nesse trabalho.

Assim me situo, embarcado por Erika Oliveira, Yasmin Silva e Maria Laura Bleinroth (2021) nesse lugar de pesquisador monstruoso e desobediente epistêmico, embarcado por Monique Brito (2021) nas epistemologias nordestinas, embarcado por Mia Mingus (2011) em direção ao feito para COMpor minhas apostas teórico-metodológicas escritas COM - embarcado por Marcia Moraes e Alexandra Tsallis (2016) - as minhas **escredialvivências** - embarcado por Conceição Evaristo (2005) - e os meus dialiversos.

4. O que surgiu das embarcações? Dialivivências e dialiversos - apostas teórico-metodológicas para pensar quais epistemologias psi estamos fazendo.

Na **escredialvivência** que tenho escrito em versos desde o início desse trabalho, os versos que professora Alexandra Tsallis os nomeou de **dialiverso**, são uma forma de expressão/produção de conhecimento dessa **escredialvivência**. **Escredialvivência** significa narrar e contar histórias dessas vivências particulares minhas, mas que são também coletivas das pessoas com doença renal crônica em tratamento de hemodiálise e **dialiverso** é a escrita dessas dialivivências e da psicologia que estudo, aprendo e faço em versos e cordéis.

Os versos e cordéis se situam numa epistemologia nordestina, uma escrita através da literatura de cordel. A literatura de cordel é um gênero de literatura popular, escritos em rimas a partir de relatos orais e impressos em folhetos, é uma tradição nordestina e nortista. O dialiverso traz em sua composição essa tradição, a força da retirância de uma epistemologia nordestina. Retirância que para Brito (2021, p.38) tem o sentido de deslocamento de saber, assim, no dialiverso desloco os versos de um lugar de conhecimento popular para produzir com eles conhecimento científico.

Esse nó dessas apostas teórico-metodológicas: *escredialvivência*, *dialiverso* e *pesquisarCOM*, se fazem nós para COM-por uma pesquisa desse outro lado da história, de corpos de pessoas com deficiência, pessoas negras e de pesquisadores/as monstruosos/as dispostos/as à desobediência epistêmica. Nós somos esses que causam rupturas, nossa presença provoca o enegrecer da universidade e da ciência, nossa afirmação de pessoa com deficiência provoca o aleijar da universidade e fazendo as instituições mudarem desde dentro dela. Com essas provocações aqui escritas provocamos aulas, pesquisas, caminhos e sonhos acessíveis.

Quando falamos na *escredialvivência* e no *dialiverso* enquanto apostas teórico-metodológicas (e não somente ela, mas todo lugar de saber/poder marcado pelo capacitismo estrutural e acadêmico), pensamos em sustentar a produção de epistemologias que a partir de narrativas desobedientes que são COM-postas por autores/as, pesquisadores/as que ao contarem suas histórias, falam de si e ao falarem de si, falam também de tantos/as outros/as. Contar uma história para que ela convoque outras histórias ao ser lida ou contada, contar uma história de parceria para inspirar outros/as pesquisadores/as a compor suas pessoas COM as pessoas. São narrativas e histórias de um grupo, de um povo, de um só que COM outros se torna um nós. Um nós que pelas nossas pesquisas produz realidades e mundos (MORAES e TSALLIS, 2016) em que as pessoas com deficiência e as pessoas negras importam, pensam, filosofam, povoam o mundo com suas histórias.

5. Quebras às nossas epistemologias do campo psi: o que o dialisar nos ensina sobre isso?

Em um dos encontros de orientação com Marília, pensamos juntos ao que nos embarcou sua amiga Ester Mambrini quando a questionou se conhecia a etimologia da palavra diálise. *Dia* significa “através de” e *lise* significa “quebra”, então a sustentação dessa metodologia da *escredialvivência* é uma escrita através da quebra de uma vivência. Quebra no sentido de um corte abrupto, uma mudança, como se dá ali quando me encontro com Camila e sou embarcado no *pesquisarCOM*. Foi uma quebra de vida quando recebi o diagnóstico lá em 2006, foi uma quebra de vida quando já estudando psicologia me encontro no lugar político da deficiência. Foi outra quebra de vida do lugar político quando me afirmei um homem negro, produtor de conhecimento e sujeito epistemológico.

No pesquisarCOM podemos pensar essas quebras, que produzem rupturas e deslocamentos, quando Moraes e Tsallis (2016) nos apontam que para fazerCOM e tecer as linhas que COMpõem a pesquisa, uma das formas de firmar o COM dessas outras gramáticas da escrita acadêmica, é contar não apenas uma, mas muitas histórias. As histórias da deficiência por vezes estão carregadas por reproduções do pensamento capacitista, do déficit ou da falta. As histórias da deficiência estão também marcadas pelo desengano, pela impossibilidade ou também pelo “heroísmo” das superações cotidianas de se ser uma pessoa com deficiência em um mundo criado para pessoas corpo-normativas (MORAES e TSALLIS, 2016). Contar muitas histórias, nesse caso, consiste em contar processos, complexificar realidades, tatear mais, errar no sentido da errância, caminhar junto, dar as mãos, sentar ao lado.

Nesse mundo de tecer histórias e contar narrativas através do pesquisarCOM, Silveira e Conti (2016) nos enlaçam na ideia de que ao apostar nessas muitas narrativas, abrem-se brechas para se problematizar as únicas histórias sobre a cegueira e a loucura, aqui acrescento eu, através da escredialvivência, problematizar as únicas histórias sobre a diálise. Essas únicas histórias são apontadas por Conti (2015, p.14) como histórias que acabam perdendo suas ligações, são histórias que se desconectam dos espaços que foram realizadas e terminam produzindo conceitos e categorias que se tornam universais. Contar histórias é também conectar coisas, pessoas, ideias, histórias.

Em contraponto às únicas histórias, Conti (2015, p.15) nos embarca a pensar nas histórias únicas, que são tecidas por subjetividades, com aberturas que permitem outras versões a respeito do outro. Assim, problematizar e pensar essas únicas histórias sobre a cegueira, sobre a loucura (SILVEIRA E CONTI, 2016) e sobre diálise, nos permite através do pesquisarCOM, do escreverCOM e da escredialvivência, COMpor narrativas que povoam o mundo com dialiversos, dialivivências com outras partículas de histórias, de outros olhares

No lugar que o capacitismo

Histórias tenta apagar,

PesquisarCOM é aposta

Na ciência, histórias contar,

Do perceber sem ver⁵

⁵ A pesquisa Perceber Sem Ver, é orientada pela professora Marcia Moraes, oferecendo oficinas de experimentação corporal para pessoas cegas e com baixa visão, em centros de reabilitação no Rio de Janeiro.

Para a psicologia aleijar.

Para COMpor essas rupturas na psicologia e na universidade, vamos pensar no processo da diálise. Na diálise, a máquina faz o processo de um rim artificial que o meu rim orgânico não faz. Nela, todo o meu sangue é filtrado por esse rim artificial para remover o excesso de líquido que fica retido no meu corpo, assim como as substâncias tóxicas. A falta da diálise pode corroborar para que toxinas como o potássio, o fósforo, a uréia e creatinina, quando não filtradas, me façam passar mal.

Quando propomos dialisar a psicologia e a produção de conhecimento, esse movimento da diálise, dessa quebra, nos faz pensar em epistemologias que nos possibilitem fazer essa separação do que é tóxico na vida, na universidade e na sociedade. Podemos pensar como toxinas que produzem mal estar, o machismo, a homofobia, o racismo, o próprio capacitismo. Essas toxinas, sem serem dialisadas, filtradas, sem essa quebra da diálise, elas terminam apagando existências, produzindo mal estar físico, psicológico e social. Por isso, dialisar para nós é verbo, a escredialvivência é metodologia e o dialiverso uma de suas expressões.

Dessa forma, para contar histórias através da escredialvivência, narradas mediante o dialiverso, nos apropriamos de um fazerCOM (Moraes, 2010) para não re(produzir) pesquisas e escritas sobre o olhar de deus (Haraway, 1995), tampouco um único lado da história como nos aponta Conti (2015). No pesquisarCOM, Moraes e Tsallis (2016) quanto ao contar histórias de vidas marcadas pela cegueira, nos apontam o escreverCOM enquanto uma forma de se comprometer politicamente e epistemologicamente com as pessoas ao pesquisarmos COM elas. Compromisso este que acontece através e no encontro, que se torna um laço de luta para combater e colocar em evidência, qualquer narrativa que se afirme não marcada pela deficiência (MORAES e TSALLIS, 2016).

Silveira e Conti (2016) nos afirmam do que é feita essa escrita do outro lado da história, uma escrita COMposta pela experiência, do verbo experienciar. Essa escrita, Jorge Larrosa Bondía (2002) descreve como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (p.21). Dessa escrita que nos passa, nos acontece, nos toca, que trazem rupturas com a escrita do olhar de deus, me formo nessas apostas desobedientes para pesquisarCOM, escreverCOM, as minhas e outras escredialvivências e dialiversos que me passam, me tocam e me acontecem.

*A proposta de escreverCOM
Se compromete com histórias,
Narrativas construídasCOM
Através de afetos e memórias,
Que o capacitismo tenta apagar
Excluindo corpos-trajetórias.*

*Na escrita do escreverCOM
O pesquisarCOM vai se comprometer,
A contar vivências particulares
Narradas do perceber sem ver,
Possibilitando outras formas
De no mundo se perceber.*

*Através da escredialvivência
Nos dispomos a contar,
Dialivivências já pesquisadas
Que artigos não chegaram a mostrar,
De quebras que a diálise
Nas pessoas com DRC chegou a causar.*

*Dessas epistemologias monstruosas
Psicologia e pesquisas queremos fazer,
Comprometida com histórias
Igual o perceber sem ver,
Que ao ouvir memórias
PesquisasCOM vem escrever.*

6. A psicologia que eu pensava: saúde mental para quem?

Como mencionei no início desse trabalho, quando ingressei na psicologia, desde o meu 1º período, tive o interesse em pesquisar sobre a saúde mental de pacientes renais

crônicos, saber como além das afetações físicas, se caracterizavam as afetações psicológicas que marcam esses/as pacientes, afetações essas que também me atravessaram. Nesse período ainda não tinha sido embarcado no *pesquisarCOM*, nem nas *escrevivências*, ainda pensava em uma metodologia de pesquisa escrita *SOBRE* as pessoas com insuficiência renal crônica em diálise e não uma escrita *COM*posta por elas.

Minha escolha de cursar psicologia iniciou sendo uma admiração pelo fato dela conseguir ajudar cada ser humano, em cada uma de suas complexidades. Inclusive por ter me ajudado em meus processos das quebras do dialisar com o diagnóstico, a mudança de rotina, a mudança na alimentação, em resumo, nas minhas dialivivências.

Algumas noções e inquietações com o olhar de deus (Haraway, 1995) na ciência e na própria Universidade, só vim perceber enquanto estudante de psicologia e não como uma pessoa com deficiência. Embora me afirmasse uma pessoa com deficiência, pessoa com insuficiência renal crônica em diálise, muitas vezes eu não me sentia pertencente desse lugar. Coube-me aqui, depois de longos anos, refletir sobre quem eu era, não só o Léo, mas o Léo pessoa com insuficiência renal crônica em diálise, o Léo pessoa com deficiência. Refletir que uma dessas partes do Léo, não está desligada das outras, mas que todas elas estão em um só, no meu corpo. Nesse meu corpo que é sujeito, que é pessoa com insuficiência renal crônica em diálise, que é uma pessoa com deficiência. Martins (2009) explica que a deficiência não está deslocada do corpo da pessoa com deficiência, mas que a deficiência está ligada a subjetividade, a existência do sujeito.

Esse outro lado da história, que Martins (2009) nos faz pensar e refletir, dialoga com o que aposta o método do *pesquisarCOM*, a *escreverCOM* histórias, partilhar vivências e narrar mundos em que a experiência de ser pessoa com deficiência não está deslocada do sujeito, mas que é de si mesmo/a, da sua subjetividade. Esse lado da história, de epistemologias desobedientes, *feitasCOM*, problematiza e questiona a Universidade enquanto um lugar para todos/as.

No método do *pesquisarCOM*
Encontrei uma psicologia,
Que tece cuidado e acolhimento
Dessa excluída minoria,
Que escreveCOM outros/as
Histórias do dia a dia.

***Pude através da escrevivência
Outra psicologia encontrar,
Situada em narrativas
Que a fala de si ecoa em lar,
Histórias de muitos outros/as
Que ninguém pode apagar.***

***Dessas metodologias desobedientes
Situlo à minha escredialivivência,
Com as rimas do dialiverso
Versando para tecer ciência,
FeitaCOM esses corpos
De pessoas com deficiência.***

A Universidade me foi prometida como um lugar diverso, plural, para todos os corpos, um lugar de caminho para realização dos possíveis sonhos. Depois dos encontros com as epistemologias desobedientes pude refletir sobre esse espaço que nos é prometido da Universidade como um lugar de sonhos possíveis. Aqui quero deixar uma pergunta que me inquietou: Como realizar sonhos possíveis sem que eles sejam acessíveis?

Moraes et al. (2018, pág. 10) nos aponta que existe uma redução de pessoas com deficiência no ensino, assim como disciplinas e projetos que discutem essa temática, apesar de que, no país existem políticas educativas de inclusão para o ingresso de pessoas com deficiência na universidade. Isto mostra que sem uma Universidade acessível, não existe nela um lugar para sonhos possíveis.

Uma das coisas a qual o pesquisarCOM nos convoca, é a nos engajar nas lutas para tecer rupturas e povoar mundos. Durante o período pandêmico uma das pautas mais discutidas nas reuniões do colegiado do curso de psicologia, foi referente às dificuldades que os/as alunos/as com baixa visão estavam tendo para receber materiais acessíveis, o motivo: alguns docentes comprometidos com essa psicologia plural, com essa universidade para todos/as não estavam disponibilizando os conteúdos com acessibilidade. Numa reunião dessas foi proposto pela direção do curso fazer oficinas de acessibilidade quando interrompi a proposta dizendo a um dos docentes: “Professor, a ideia de oficinas é bem importante. Contudo, se estamos

fazendo uma psicologia inclusiva, é importante também incluir em nossas discussões e ementas de disciplinas a temática do capacitismo, porque não fazer entrega de outros materiais com acessibilidade, é continuar reproduzindo o capacitismo”. Depois da minha fala, a coordenação do curso levanta uma ideia (semelhante a outra já realizada antes, com o tema do combate ao racismo): “vamos fazer uma carta-compromisso anticapacitista”! Com o término da reunião foi montada uma comissão com docentes e discentes (algumas pessoas com deficiência) para a escrita dessa carta compromisso do Instituto de Psicologia por uma psicologia anticapacitista.

Eu poderia dizer que a escrita da carta compromisso por uma psicologia anticapacitista aconteceu, que algumas disciplinas houve a discussão da deficiência presente em suas ementas (essa parte e só essa foi verdade). Em nossa primeira reunião para elaboração da carta (digo nossa, porque me dispus a compor a comissão), quando discorri sobre a ausência das discussões sobre o capacitismo em nossa formação, uma docente mencionou que o termo “capacitismo” se tratava de um modismo das novas discussões e que ele já vinha sendo discutido na psicologia há muito tempo com outros nomes. Pois bem, a verdade é que a existência sobre acessibilidade no curso de psicologia só vem aparecer no Projeto Político-pedagógico do Curso (PPC) de Psicologia do ano de 2013, no que se refere aos últimos planos de 1998 e 2006 o termo deficiência⁶ aparece voltado ao compromisso da prática psi no atendimento dessas pessoas. Ali falar sobre capacitismo não se tratava (se trata até hoje) de modismo, mas de resistir aos apagamentos e exclusões que as pessoas com deficiência vivenciam na universidade até hoje.

Na universidade, no curso de psicologia, depois de interpelar professora Marília com essas questões que não estavam colocadas no PPC do curso, tampouco nas disciplinas a respeito da saúde mental das pessoas com deficiência, após ser embarcado nas apostas teórico-metodológicas do pesquisarCOM e da escrevivência, passei a COMpor meus trabalhos situados nessas metodologias e pautando essas questões em outras disciplinas.

O primeiro desses trabalhos foi na disciplina de Processos Grupais II, nosso tema de oficina era pensar uma proposta de intervenção voltada à autoimagem de pessoas com deficiência auditiva e visual, além disso, uma integrante do grupo, a que apresentou os aspectos teóricos da autoimagem, é pessoa com deficiência visual, então pensamos juntos e propomos aos demais relacionar a autoimagem com a deficiência. Para minha surpresa, os

⁶ Projeto Político-Pedagógico do Curso de Psicologia. Maceió. 2006 (pp. 30). Disponível em: <<https://ip.ufal.br/ptbr/graduacao/psicologia/documentos/ppc/ppc2006/@/@/download/file/PPC%20PSICO%20MATRIZ%202006.pdf>>.

artigos que encontramos para fundamentar nossa proposta de intervenção, estavam voltados à arte, sendo ela uma forma de resgatar e ressignificar a autoimagem (ANJOS, 2008; FRANÇA, 2009; ANDRADE, 2016; DUTRA et al 2018). A arte vinha sendo a minha forma de expressar minha escrita em trabalhos criados através da literatura de cordel, do dialiverso

Outra experiência marcante foi na integração das disciplinas de Práticas Integrativas I e Psicologia das Relações de Trabalho I, onde tivemos a oportunidade de entrevistar alguém cuja prática nos interessasse, ninguém mais veio à minha memória, senão Camila Araújo Alves. Fiz contato pelo WhatsApp com Marília, disse a ela meu interesse, ela falou com Camila e me repassou seu número. Tive o interesse de entrevistar Camila e ouvi-la sobre questões específicas além da entrevista, queria ouvir sua escrevivência enquanto mulher, psicóloga, doutoranda em Psicologia e pessoa com deficiência.

Camila me compartilhou pérolas sobre sua forma de pesquisarCOM, sua prática com a terapia reichiana e seus desafios quanto às questões de acessibilidade que ainda dificultam seu acesso a materiais científico. Da escrevivência de Camila, pude externar todo meu afeto em um cordel e também produzimos uma cartilha acessível sobre tal experiência. Segue o cordel:

***A oportunidade dessa entrevista
Contribuiu para nossa formação,
De conhecer práticas profissionais
Durante nossa graduação.***

***A entrevista com Camila Alves
Foi de inteira importância,
Conhecer seu trabalho e pesquisa
Foi de grande relevância.***

***Camila Alves é uma psicóloga
Engajada na luta da deficiência,
Contra todo capacitismo
Que exclui outras existências.***

Sua forma de pesquisarCOM

***Faz o resgate de outras existências,
Que o capacitismo tenta apagar
Das pessoas com deficiências.***

***É possível perceber
A grande dificuldade,
Em materiais inclusivos
Que promovam a acessibilidade.***

***Sua prática reichiana
Nos possibilitou enxergar,
Que além da linguagem
O corpo também pode falar.***

***Essa aproximação com a Camila
Foi de grande contribuição,
Para pensar o trabalho da psicologia
Em sua área de atuação.***

A escrevivência da Camila borra e desfaz (Evaristo, 2020) os discursos capacitistas que se perpetuaram e perpetuam na sociedade e na academia sobre os corpos das pessoas com deficiência, seu modo de pesquisarCOM é um ato de resistência contra hegemonias capacitistas que pensam em pesquisar sobre os corpos e não COM os corpos de pessoas com deficiência.

7. Questões para se deixar, versar, rimar, dialisar e aleijar

Enquanto escrevo, enquanto me encontro com esses escritos, um misto de emoções transborda meu peito, eu olho as marcas da diálise em meu corpo, mas não me vejo mais diferente, não me vejo mais fragilizado, não me vejo mais incapacitado. A escrita, o encontro com um saber científico da escrevivência de Conceição Evaristo (2017), da minha escredialvivência escrita pelo dialiverso e do pesquisarCOM de Márcia Moraes (2010), feitoCOM Mia Mingus (2011), atravessado por mim, traz esperança na contribuição de outros

trabalhos que serão feitos COM pessoas com deficiência e que virão a borrar e desfazer as perspectivas capacitistas da deficiência na sociedade e nos corpos de pessoas com deficiência (EVARISTO, 2020).

Escredialivendo este trabalho, revivendo minhas memórias, olhando as marcas no meu corpo, consigo perceber uma comparação da diálise e da terapia. A diálise além de me proporcionar a sobrevivência enquanto aguardo um transplante, em cada sessão ela faz um movimento incrível que os rins fazem. Ela consegue filtrar toda toxina do meu sangue e a cada terça, quinta e sábado que volto lá, ela faz esse mesmo movimento. O fato dela fazer essa filtração, não me deixa isento das vivências e emoções que sou afetado a cada dia, pelo contrário, ela me permite continuar vivendo, apesar de todas outras toxinas que ela precisará filtrar nas minhas idas e voltas à ela, ela me permite dialiviver!

A partir dessa experiência penso na importância do acompanhamento psi para uma pessoa com insuficiência renal em diálise, a terapia possibilita o sujeito se encontrar com essas questões tóxicas da vida que lhe marcam e ajuda a filtrá-las. Nesse filtro não significa que elas irão acabar, mas que é preciso continuar fazendo esse movimento, de ressignificar e viver. Penso que ressignificar os movimentos da vida para um renal crônico, além da diálise, o ajuda a viver, a sonhar, a existir.

Para mim, escrever COM essas apostas desobedientes não é só produzir ciência, é me sentir ainda mais vivo, é uma forma de contar uma história, de evitar que ela seja esquecida, é fazer da escredialivência minha forma de ressignificar, borrar e desfazer os discursos do capacitismo que olha o corpo do Léo, marcado pela diálise, como incapacitado e o deslegitima enquanto sujeito. Entretanto, para muito além da minha deficiência tenho autonomia para estudar, sonhar e com a escredialivência produzir conhecimento científico feito POR e COM uma pessoa com deficiência.

***Deixo por aqui
Questões a se pensar,
Em versos venho propor
O que precisamos dialisar.***

***Deixo essa questão
Para a Universidade,
Não há sonhos possíveis***

Sem acessibilidade.

*Deixo essa questão
Para a Psicologia-Ufal,
Sem um PPC inclusivo
Não há espaço plural,*

*Proponho a escredialvivência
Para pesquisas escrever,
COMpostas por sujeitos/a
Que lhes chegam a responder,*

*Proponho o dialiverso
Para com rimas expressar,
Conexões entre histórias
Que não chegaram a contar.*

*A aposta do pesquisarCOM
Nos convida a COMpor,
Uma ciência produzida
Contra o capacitismo opressor.*

*Através das escrevivências
Pesquisas podemos escrever,
FeitasCOM corpos-histórias
Igual o perceber sem ver.*

*Essas desobediências epistêmicas
Nos convidam a borrar,
A escrita do olhar de deus
Que precisamos dialeijar.*

Referências

ANDRADE, Arheta Ferreira de. **O outro lado do mundo: encontros entre surdocegueira e expressões artísticas**. 2016. 290f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas). Escola de Teatro da UNIRIO, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/11022/Arheta.pdf?sequence=1>. Acesso em: 01 out. 2022.

ANJOS, Rosa Virgínia de Oliveira dos. Auto-estima resgatada pela identidade com artistas surdos. 2008. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15702/000689117.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 01 out. 2022.

ALVES, Camila Araújo. **E se Experimentássemos Mais?: Contribuições Não Técnicas de Acessibilidade em Espaços Culturais**. Editora Appris, 2021.

BIBLIOTECA, Virtual em Saúde. **Hemodiálise**. Brasília, 4 jul. 2019. Disponível em: <<https://bvsm.s.saude.gov.br/hemodialise/>>. Acesso em: 10 out. 2022.

BRITO, Monique Araújo de Medeiros. Retirância-mulher: uma epistemologia nordestina produzida COM as extra-vagâncias e assentamentos da vida. 2021. 199 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/17459/5/Tese%20-%20Monique%20Araujo%20de%20Medeiros%20Brito%20-%202021%20-%20Completa.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2022.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 set. 2022.

CONTI, Josselem. **Margens entre pesquisar e acompanhar: o que fazemos existir com as histórias que contamos**. 2015. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2021/06/2015_d_Josselem.pdf>. Acesso em: 01 out. 2022.

CASTRO, Manuel Carlos Martins. Tratamento conservador de paciente com doença renal crônica que renuncia à diálise. **Brazilian Journal of Nephrology**, v. 41, p. 95-102, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/jbn/a/ctbjYfSYv8WRMDRbZVP97Th/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 out. 2022.

DA COSTA, Samira Lima; DE CARVALHO, José Jorge. CAPÍTULO 2 Processos de transmissão: o ensino universitário e o encontro com mestras e mestres dos saberes tradicionais. **PROCESSOS PSICOLÓGICOS: PERSPECTIVAS SITUADAS**, p. 28.

DINIZ, Debora; MEDEIROS, Marcelo; SQUINCA, Flávia. Reflexões sobre a versão em Português da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. **Cadernos**

de **Saúde Pública**, v. 23, p. 2507-2510, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/TgD9wYJLfpXPnG4KSP36rZK/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 out. 2022.

DUTRA, Alessandra et al. Recursos didáticos táteis no ensino de Arte para alunos com surdocegueira. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 14, n. 2, p. 152-173. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/download/9864/pdf/39545>>. Acesso em: 01 out. 2022.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. **Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte**, 2020.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face. **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ideia**, p. 201-212, 2005.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Pallas Editora, 2017.

FRANÇA, Nilcéia Allbuquerque; FRANÇA, Marília Rodrigues. A dramatização como forma de resgatar a autoestima do deficiente visual. **Revista Conexão UEPG**, v. 5, n. 1, p. 29-35, 2009. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/download/3769/2665/10891>>. Acesso em: 15 set. 2022.

GAVÉRIO, Marco Antonio. Medo de um Planeta de Aleijado?—Notas para possíveis aleijamentos da Sexualidade. **Áskesis**, v. 4, n. 1, p. 103, 2015. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/38487385/_book_askesis_v4n1-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1666580262&Signature=W46oSgUcAiR-qAfNld~4wu82FRogjP3uOyoToxf3Dk57lBka1v6Sp7mVvLuEK0D0VeTHJS0RaC33hWsLgtlfv1eUY~Bju39zKUiY64PdA-6mQtVYz1KXJJ1m95vE12gUouKb0qq6KqRIkfsXdc9mG85Ggb-b5GB3m7MyMieXPuVmtmVanqmU3gnYCNn-WHGZlrdQAUBqafy-khJpaUSIHlBBEp2LKj~rO4ShAY2moAYhnHeHtUYmLRaj~Yracmg46siulDE8Zh0acIQm5XOzhoNRmXJEes-NZgNulMSmA4aDu3gjaGjmzA7EGuuW4zjFxt9RcWK7UMfjGBxNZuE0Ig_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=107>.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/download/1773/1828/2162>>. Acesso em: 30 ago. 2022.

HAGEMANN, Paula de Marchi Scarpin; MARTIN, Luis Cuadrado; NEME, Carmen Maria Bueno. The effect of music therapy on hemodialysis patients' quality of life and depression symptoms. **Brazilian Journal of Nephrology**, v. 41, p. 74-82, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/jbn/a/Cw88RbPRTmsHCbKntzHxK9v/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 set. 2022.

MORAES, Marcia. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**, p. 26-51, 2010.

Disponível

em:<https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/32631521/texto128_2010artigospesquisarcomrevisto-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1667275253&Signature=dxJ0KDi-LCBO5PckzROkzuyCBO4NdfolVTMuJTLrS-diZdHGyFfqJoF~QWz7woBGzzOnotb0JkPZjyT5KJERLjB8HMTD15XIEALR7R3k4lx1bH01AZvIxOGG4JFow7ezrFGLkYL8Lcxjt65zguE0QwhJIK~2eIK7VlroCel~kvObmhEkKHmZAm4T8h9zxzG5spxsMKXtJTEMbPV54F-hx3ys8Oav7m9SZ96NUpk8KCnXszMUvY8sEkfL3TyPdLXcO4POBNtvEi0g78EHioe0EsgLuDA63~s5THTQ77~qH7GkZN1A42WCPwP5XtVwBhjFhXZ8jNZaO6sSWDZgWQ6w&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA>. Acesso em: 30 ago. 2022.

MORAES, Marcia; TSALLIS, Alexandra. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência/Storytelling, populate the world: academic writing and the feminine in science. **Revista Polis e Psique**, v. 6, n. 1, p. 39-50, 2016. Disponível em:<https://www.seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/download/61380/pdf_80/257690>. Acesso em: 26 ago. 2022.

MORAES, Marcia (Ed.). **Deficiência em questão: para uma crise da normalidade**. Nau Editora, 2018.

MINGUS, Mia. Moving toward the ugly: A politic beyond desirability. In: **beginning with disability**. Routledge, 2017. p. 137-141.

NEVES, Precil Diego Miranda de Menezes et al. Censo Brasileiro de Diálise: análise de dados da década 2009-2018. **Revista Brasileira de Nefrologia**, v. 42, p. 191-200, 2020. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/jbn/a/Dbk8Rk5kFYCSZGJv3FPpxWC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 set. 2022.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; BLEINROTH, Maria Laura Medeiros; DA SILVA, Yasmin Maciane. Desobediências epistêmicas e pesquisas monstruosas em psicologia social. **Interrogações às políticas públicas**, p. 13. Disponível em:<https://www.researchgate.net/profile/Wanderson-Vilton/publication/354692303_Interrogacoes_as_politicas_publicas_sobre_travessias_e_tessituras_do_pesquisar_Organizacao_Lilian_Rodrigues_da_Cruz_Betina_Hillesheim_e_Leticia_Maisa_Eichherr/links/6147d7b5a595d06017db6fc1/Interrogacoes-as-politicas-publicas-sobre-travessias-e-tessituras-do-pesquisar-Organizacao-Lilian-Rodrigues-da-Cruz-Betina-Hillesheim-e-Leticia-Maisa-Eichherr.pdf#page=14>. Acesso em: 30 ago. 2022.

OLIVEIRA, Araiê Prado Berger et al. Quality of life in hemodialysis patients and the relationship with mortality, hospitalizations and poor treatment adherence. **Brazilian Journal of Nephrology**, v. 38, p. 411-420, 2016. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/jbn/a/wmYjFp3sZVNRZBHQcS3StDq/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 27 out. 2022.

REIS, LFSO DOS; MELO, FRLV DE. O acesso da pessoa com deficiência ao Ensino Superior: estado da arte sobre reserva de vagas. **Revista de Casos e Consultoria**, v. 11, n. 1, p. e11135. Disponível em:<<https://periodicos.ufrn.br/casoseconsultoria/article/view/23512/13589>>. Acesso em: 22 out. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das Letras, 2019.

SCHMIDT, Debora Berger. Qualidade de vida e saúde mental em pacientes em hemodiálise: um desafio para a prática multiprofissional. **Revista Brasileira de Nefrologia**, v. 41, p. 10-11, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/jbn/a/7njRXVwBrHVr77d4NHBBJfH/?lang=en>>. Acesso em: 24 out. 2022.

SILVA, Yasmin Marciane da. **“Enegrecendo suas estantes” o modismo de acadêmicas(os) brancas(os) no movimento antirracista: experiência da formação em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas**. 2022.

SILVEIRA, Marília; CONTI, Josselem. Ciência no feminino: do que é feita a nossa escrita?. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 11, n. 1, p. 53-68, 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/download/1529/1119/5788>. Acesso em: 26 ago. 2022.

TSALLIS, Alexandra Cleopatre; FRANCISCO, Rayanne Suim; DE FREITAS, Vitor Benevenuto. O CORPO-PESQUISADOR ENTRE-CIDADES: uma dança em desequilíbrio. **REENCANTAR O CORPO**, p. 201.